

# PAISAGEM DO SEMIÁRIDO ALAGOANO: UM NOVO OLHAR QUE SE CONSTRÓI ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA

Adriana Valença de Almeida<sup>1</sup>  
Gilcileide Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Partindo do entendimento de que a imagem é um forte agente facilitador de comunicação e que a fotografia é um meio eficaz e instantâneo de registro visual, buscamos utilizá-la como ferramenta para comunicar o Semiárido brasileiro, em especial a Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco - AL na perspectiva da ressignificação da paisagem. Os meios de comunicação de massa do Brasil possuem uma dívida imensa com esta região, devido à história de invisibilidade midiática e negação de sua identidade social, política e cultural. As imagens construídas pela mídia sempre foram de um local inóspito, permeando os noticiários, minisséries e telenovelas. O objetivo é apresentar um novo olhar da diversidade e os saberes nos seus mais variados aspectos e aliar suas potencialidades a uma nova estética visual que comunique a realidade desse povo.

**PALAVRAS-CHAVE:** imagem. sertão alagoano. ressignificação.

## INTRODUÇÃO

A sugestão do título Representação da Paisagem do Sertão Alagoano: um novo olhar sob a ótica iconográfica surge como resultados de uma pesquisa de mestrado em Geografia que está sendo desenvolvido na Microrregião alagoana Sertão do São Francisco no estado de Alagoas. A proposta do artigo visa discutir alguns pontos levantados sobre o uso da imagem como forma de representação da paisagem, bem como mostrar a ressignificação dada as paisagens locais através do uso de imagens (fotografias). Sendo assim o objetivo fazer uso da iconografia como forma de representação e interpretação da paisagem tornando-se possível identificar a ressignificação das paisagens culturais do Sertão Alagoano, pois essa região de acordo com Bacelar (2012) apresentou mudanças no ritmo e padrão de crescimento econômico e social, com a reafirmação do potencial turístico e os avanços da economia criativa, a ampliação educacional com a interiorização dos IFs e Universidades Federais.

---

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, [drikavalenca.dv@gmail.com](mailto:drikavalenca.dv@gmail.com).

<sup>2</sup>Professora do curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, [gilsilvaxxi@yahoo.com.br](mailto:gilsilvaxxi@yahoo.com.br)

Diante do contexto de que os discursos tradicionais sobre o sertão foram reiterados de um modo tal que os paradigmas centrais desses discursos, bem como as representações se reproduzem como lugar inóspito, infértil, seco, essas difundidas pelos meios de comunicação, não apresentam a diversidade cultural existente, bem como as possibilidades e particularidades que esse lugar apresenta. De acordo com Neto (2013) a mudança de seca e Sertão para Semiárido e convivência começaram a ganhar visibilidade a partir dos anos 1980, através de movimentos sociais e sociedade civil que elaboram posturas diferentes para a vivência das relações com as organizações governamentais, apontando a ruptura com as relações de poder conservadoras e a sugestão de uma gestão de políticas públicas mais horizontais como sendo necessárias. Loiola (2012) aponta algumas transformações regionais ocorridas no Sertão Alagoano desde a construção da moderna hidrelétrica de Xingó, o crescimento do turismo no Vale do São Francisco e a construção do Canal do Sertão que tem como prioridade a geração de emprego e renda, com a utilização integrada do rio São Francisco na irrigação, na piscicultura, na pecuária e na agroindústria da região do Sertão e o Xingó Centro de Convivência com o Semiárido que tem como objetivo ser um importante gerador de conhecimentos, métodos e procedimentos aplicáveis à produção local, adequados ao semiárido nordestino, além de difundir práticas e tecnologias de baixa complexidade em prol da convivência com o Semiárido Brasileiro.

### **Paisagem: representação iconográfica com uso da fotografia**

As imagens menos comuns (desenhos, fotografias, pintura, cinema e televisão) adquirem uma importância e são incorporadas pelos geógrafos em suas práticas de pesquisa no contexto contemporâneo, faz uso da fotografia como forma de representação espacial que mais se aproxima do real.

Para a Geografia as imagens sempre foram muito importantes, imagens tradicionalmente consideradas como geográficas (mapas, fotografias aéreas, imagens orbitais), no entanto, outras linguagens têm sido incorporadas pelos geógrafos em suas práticas de pesquisa e ensino, são menos comuns (desenhos, fotografias, pintura, cinema e televisão), mas que são “potencialmente fundadoras de outras geografias e percursos curriculares”. (CAZETTA, 2013 p. 13). Nos últimos anos, o número de pesquisas e trabalhos envolvendo as muitas linguagens nas quais o conhecimento geográfico é produzido tem sido ampliado. De acordo com Cazetta (2013), o aumento de estudos

vinculados a Educação Geográfica que tem nas imagens, o foco de análise vêm ganhando centralidade.

A paisagem em sua forma moderna de representação é um tema de estudo, desde o século XVI, quando ocorreu o interesse pelas paisagens como temas das pinturas, elementos reunidos nessas cenas são objetos de contemplação, mas eles compõem igualmente algo que passa a desafiar a nossa compreensão, “aquilo que é exposto ou exibido se oferece ao olhar de um público, e esse público é convidado a produzir julgamentos e compreensões”. (GOMES, 2013, p. 116).

Ao tirar uma foto do local onde estamos, criamos mais do que um recorte em nosso mundo, no fato que está acontecendo, no momento em que estamos presentes. A máquina fotográfica, ao ser disparada, faz presente um real, ela o cria. Cada um escolhe um enquadramento para ver e, com essa foto em mãos, poderemos rememorar em outro local e em outro tempo o que vivemos ali. Mas o que rememoraremos não será a vida vivida no momento em que a foto foi feita, mas, sim, nossas lembranças tocarão aquele real criado pela câmera, pois é ele que estará presentificado no futuro da fotografia.

Para Oliveira Jr (2009) adensamos, todo aquele acontecimento, aquele momento, todo aquele local em torno da imagem fotografada, a imagem cria esse adensamento produz um real. Susan Sontag, no livro Diante da dor dos outros, diz que quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. (SONTAG, 2006, p. 23). É esta mesma autora quem irá nos alertar que “o problema não é que as pessoas lembrem por meio de fotos, mas que só se lembrem das fotos [...] [principalmente porque] lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem.” (idem, p. 75).

Sendo assim, a imagem e a percepção das paisagens, presentes no inconsciente coletivo, tem um papel importante na formação de novos assentamentos. Esses assentamentos definido como a forma que agimos e construímos no espaço e, portanto, gestam a forma dos lugares, uma vez que eles ganham suas formas em função do uso que deles fazemos e da imagem que deles criamos a partir das memórias postadas em nós.

De acordo com Oliveira Jr (2009) essas relações e memórias são formadas em nós tanto pelas experiências corporais diretas aquelas valorizadas nos trabalhos de campo e nos estudos do meio quanto pelas experiências mediadas pelas teorias ou por mídias diversas, notadamente as imagéticas, e essas por sua vez, exercem um papel importante na formação

de uma representação imaginária, muitas vezes que sujeita os indivíduos às reais condições de existência, por exemplo, as imagens que se veiculam sobre o Sertão Alagoano, estão com frequência relacionados ao chão rachado, a casa de taipa, a pobreza e a miséria. Representações essas consolidadas pelas imagens difundidas pelos meios de comunicações que em parte não apresentam a forma como as pessoas vivenciam tais ambientes.

## METODOLOGIA

### Caracterização geral da área de estudo

De acordo com o INSA (Instituto Nacional Brasileiro) (2014), a Região do Semiárido brasileiro (SAB) é uma delimitação geográfica do território nacional, oficialmente definida em 2005 pelo Ministério da Integração Nacional (MIN). Ainda de acordo com o INSA (2014) a região semiárida do Brasil representa 12% do país, abrangendo um total de 1135 municípios. Conforme (figura 1) Alagoas possui 38 municípios no semiárido dentre eles os que compõem a região em estudo a Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, (figura 2) onde estão localizados os municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado e Piranhas, este recorte escolhido é justificado pelo fato de estarem localizados na mesorregião do Sertão Alagoano e totalmente no domínio do clima semiárido, bem como ser margeado pelo Rio São Francisco conforme (figura 3). De acordo com a Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLANDE, 2014) as altitudes predominantes nessa microrregião variam de 250 a 300 m e a unidade geomorfológica a qual está inserida é o Pediplano do baixo São Francisco, marcado pela presença de uma vegetação de caatinga.



Figura 1: Semiárido alagoano  
Fonte: Paulo Santos Neto (2016)

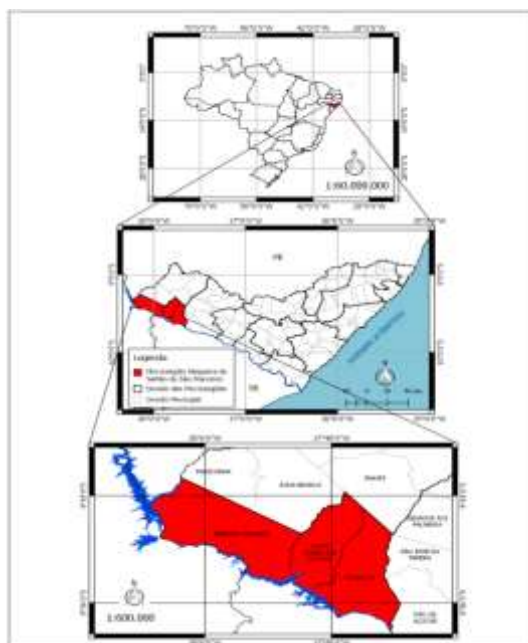


Figura 2: Localização geográfica Microrregião Alagoana Sertão do São Francisco  
 Fonte: Santos (2017)

De acordo com a SEPLANDE (2016) o Rio São Francisco, em Alagoas, tem 240 km de extensão. Banha cidades, povoados, atravessa serras e cânions. Para Vidal (2004) o rio São Francisco evidencia uma enorme potencialidade, pois dispõe de água abundante, suas águas geralmente reguladas e disponíveis ao longo do ano, podendo ser uma fonte geradora de riquezas e diminuição dos problemas sociais que atinge a população que vive as suas margens. Salienta Vidal (2004) que existe uma descontinuidade e falta de motivação patriótica de dirigentes ao longo de nossa história, bem como os interesses os interesses financeiros externos que controlam a “política” e as finanças nacionais, à custa do nosso povo.

Também a evidência da natureza perversa de falsas teorias, que não estão diretamente relacionadas com a pujança da natureza física das regiões e suas transformações, mas com interesses financeiros externos que controlam as finanças nacionais e exploram nosso povo. Isso desloca para o campo de controle externo a condução do nosso processo de desenvolvimento e o condiciona à dependência em sistema colonial. (VIDAL, 2004, p. 8)

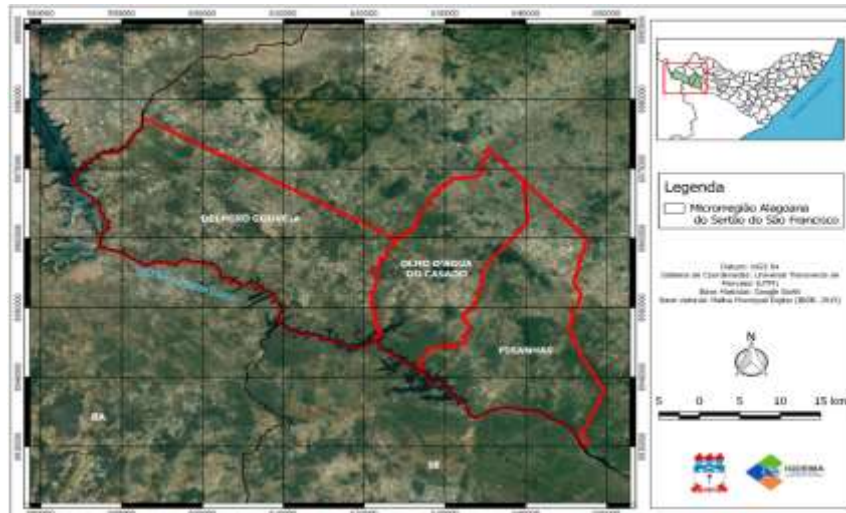


Figura 3: Localização do Rio São Francisco no estado de Alagoas  
 Fonte: Santos (2017).

Para a realização desse estudo foi feito um levantamento bibliográfico buscando nova possibilidade metodológica na ciência geográfica, centrada na percepção do mundo vivido, voltada para o espaço de vivência e as suas perspectivas topológicas como abordagens na estruturação de uma geografia fenomenológica. Para tal, foi realizado levantamento de dados em organismos oficiais brasileiros, de publicações institucionais, bem como uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo, através da observação in loco e registros iconográficos, com uso de imagens como melhor forma de representação da paisagem.

## DISCUSSÕES/RESULTADOS

Loiola (2012) aponta algumas transformações regionais ocorridas no Sertão Alagoano desde a construção da moderna hidrelétrica de Xingó, o crescimento do turismo no Vale do São Francisco e a construção do Canal do Sertão que tem como prioridade a geração de emprego e renda, com a utilização integrada do rio São Francisco. Enfatizarei uma nova proposição que surge como uma nova forma de enfrentar os problemas existentes no semiárido trata-se de uma perspectiva onde a ênfase é dada no enfrentamento dos desafios do semiárido na sua compreensão e adaptação, através do Xingó Centro de Convivência com o Semiárido localizado na zona rural de Piranhas - AL que tem como objetivo ser um importante gerador de conhecimentos, métodos e procedimentos aplicáveis

à produção local, adequados ao semiárido nordestino, já é destaque internacional como podemos observar na figura 4.



Figura 4: Reportagem da revista espanhola “Agropecuária” sobre o semiárido brasileiro. Fonte: Revista Agropecuária (2015)

Dentre o que se destaca na reportagem sobre o semiárido brasileiro são a valorização e reconhecimento das ideias inovadoras desenvolvidas pelo Centro Xingó de Convivência com o Semiárido para realizar atividades produtivas, reduzir a pobreza e promover estratégias de desenvolver estratégias de adaptação e convivência com clima da região semiárida. Em uma missão do Centro de Inovação em Tecnologias para o Desenvolvimento humano da Universidade Politécnica de Madrid, participou do primeiro curso internacional de convivência com o semiárido. Durante esse curso, Kilmara Rodrigues, do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) destaca o seguinte sobre as ações desenvolvidas pelo Xingó Centro de Convivência com o Semiárido: “el semiárido brasileño posee una gran diversidad ambiental, cultural y oportunidades, la población del Sertão (así es como llaman a esta región semiárida) está alcanzando su resiliencia.” (DÍAZ & GONZÁLES, 2015, p. 184)

O Centro Xingó de Convivência com o Semiárido, ponto de apoio de distintos projetos, surgiu a partir da negociação entre a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) e o Governo do Estado de Alagoas, com a finalidade de recuperar as instalações do antigo Instituto Xingó na cidade de Piranhas. Com este acordo, a Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Agrário (SEAGRI/AL) junto com o IABS assumem a responsabilidade de revitalizar as ações do Centro, com o objetivo de contribuir à geração

de renda e à melhoria da qualidade de vida das famílias em situação de vulnerabilidade social no Estado de Alagoas.

Com base no banco de dados do Centro Xingó (2016) o Centro possui uma área total de 70 hectares, com estruturas físicas e atividades de pesquisa, extensão e suporte a programas de apoio ao produtor, como se pode observar na figura 5. Pretende-se que o Centro Xingó de Convivência com o Semiárido seja um importante gerador de conhecimentos, métodos e procedimentos aplicáveis à produção local, adequados ao semiárido nordestino, além de difundir práticas e tecnologias de baixa complexidade e alta replicabilidade em prol da convivência com o Semiárido Brasileiro.

Através dos registros iconográficos, bem como observação in loco do Xingó Centro de Convivência com o semiárido é possível perceber que novas proposições surgem em relação ao enfrentamento dos problemas no semiárido, principalmente relacionados aos baixos índices pluviométricos apresentados no semiárido, por muitos anos, o foco para o enfrentamento dos problemas existentes no semiárido por parte do Estado, foram pautados, predominantemente em programas e políticas voltados ao combate à seca. A falta de entendimento da complexidade desse espaço aliado às práticas políticas visando fins lucrativos, fez com que projetos de desenvolvimento estivessem desarticulados da realidade cultural e ambiental dessa região. Atualmente novas práticas populares relacionadas à convivência com o semiárido são realizadas.



Figura 5: Xingó Centro de Convivência com o semiárido.  
Fonte: Autora. (2016)



Surge um modelo de desenvolvimento que visa garantir direitos básicos, pautado em conhecimentos locais tanto das tecnologias sociais como da convivência com o semiárido, numa forma de intervenção territorial com a participação dos atores locais.

A partir do conhecimento acumulado ao longo de anos convivendo com seu território, os agricultores do semiárido, vem a partir de organizações do terceiro setor e outras entidades de base organizadas na Articulação do Semiárido (ASA) e outras redes, disseminando práticas populares adaptadas à realidade climática, cultural e social.

Uma das estratégias da convivência com o semiárido é a introdução de tecnologias sociais, notadamente as de captação, armazenamento de água das chuvas; produção de alimentos e também manejo de fontes de energia renovável, buscando formas de melhorar a qualidade de vida, a inclusão produtiva e a geração de renda dessas famílias de agricultores, conforme figura 6.

As tecnologias sociais podem ser entendidas como procedimentos, ferramentas e práticas vinculadas a solucionar problemáticas locais, e vem sendo desenvolvidas há muitos anos, no entanto com essa terminologia surge basicamente desde a década de 70 no Brasil.

Um dos fundamentos das tecnologias sociais é a participação dos atores locais nas distintas fases de sua implantação, bem como a intencionalidade de inclusão socioambiental que estas se propõem a resolver.

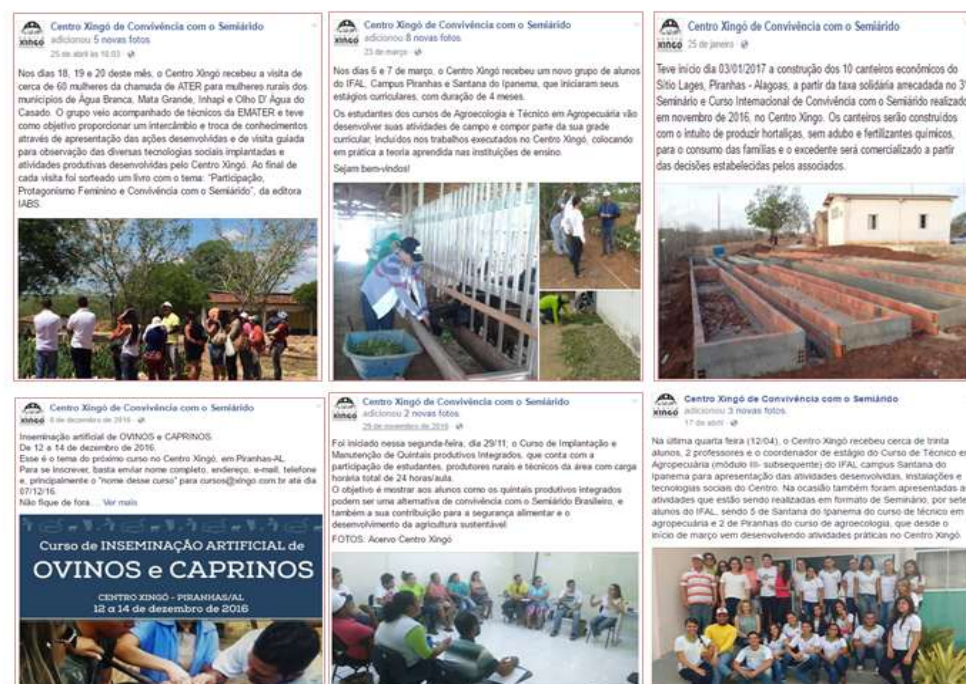


Figura 6: Ações desenvolvidas no Xingó Centro de convivência com o semiárido – Piranhas, AL.

Fonte: Acervo Xingó (2016, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a paisagem recorrentemente as secas, ao acontecimento da guerra de canudos, aparições de episódios do cangaço, forjaram uma percepção social específica acerca daquele lugar àquela época, resultando numa definição de significados ao sertão, mas é possível construir um olhar sobre esse lugar que apresente cultura e modo de vida criado pelas relações de convivência com o sertão semiárido.

Através dos registros iconográficos das paisagens culturais do Sertão Alagoano foi possível perceber uma ressignificação da paisagem, nova perspectiva, outra forma de enfrentar os problemas existentes no semiárido onde a ênfase é dada no enfrentamento dos desafios com o semiárido na sua compreensão e adaptação, através do Xingó Centro de Convivência com o Semiárido localizado na zona rural de Piranhas – AL, a existência desse Centro possibilita mostrar a diversidade e potencialidades que esse lugar apresenta, bem como construir uma imagem pouco explorada e difundida pelos meios de comunicação de massa e às vezes ausente no imaginário coletivo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 1999.

ARAÚJO, B. T. Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: Heranças e urgências. 2 ed. Revan. 2012.

CBHSF: Comitê da bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Disponível em: <http://cbhsaofrancisco.org.br/>. Acesso em 15 Out. 2016.

CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. 3 ed. Maceió: Edufal, 2015.

CIDADE BRASIL: **Mesorregião do Sertão Alagoano**. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-sertao-alagoano.html>. Acesso em 20 de ago. 2015.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b. p. 35-86.

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. V.01, nº 11, 1º trim. São Paulo: **Caderno de pesquisa em administração**, 2000.

Conhecendo o Canal do Sertão. Disponível em: <http://conhecendocanaldosertao.blogspot.com.br/>. Acesso em 15 de set. 2015.

DÍAZ, H, G, C; GONZÁLEZ, M, O. Oportunidades agropecuarias en el nordeste brasileño. Disponível em: AGRICULTURA\_MARZO\_201576\_CARLOSyOMAR.pdf. Acesso em 23 de mar, 2016.

GOMES, P. C. C. **O lugar do Olhar: elementos para uma geografia da visibilidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

IABS. INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE. Relatório da Linha de Base do Projeto de Sistematização e de Reaplicação de Tecnologias Sociais no Semiárido Alagoano. Publicação interna. Não paginada. 2014. 88 p.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas>. Acesso em 15 de mai 2016.

LOIOLA, I. **As riquezas do Sertão Alagoano.** Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=201841>. Acesso em 13 de out. 2015.

MOREIRA, N. M. **Outro Sertão: fronteiras da convivência com o semiárido.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G. (Org.) ; Paes, Maria Tereza (Org.) . **Dossiê Imagens, Geografias e educação.** 1. ed. Campinas: Revista ETD - Faculdade de Educação/Unicamp, 2010. v. 1. 176p .

ROCHA, G. **O rio são Francisco fator precípua da existência no Brasil.** 4. Ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2004.

SEPLANDE. Secretaria do estado do planejamento e desenvolvimento econômico. Disponível em [www.seplande.org.br](http://www.seplande.org.br). Acesso em 26 de Maio de 2016.

SEINFRA. Secretaria do estado da infraestrutura. Disponível em <http://www.infraestrutura.al.gov.br/>. Acesso em 23 de Mar de 2017.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-Árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. Tese (Doutorado) Pós-Graduação Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.